

**VOZ LUSÍADA, REVISTA DA ACADEMIA LUSÍADA DE
CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES, nº 9, segundo semestre de 1997. São Paulo.**

ADMA MUHANA
(IEL-UNICAMP)

No âmbito das diversas comemorações relativas ao tricentenário da morte do Padre Antônio Vieira em 1997, a Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes prestou sua homenagem organizando um Seminário juntamente com a Universidade de São Paulo, cujas conferências foram reunidas no número 9 de sua Revista, **Voz Lusíada**. Mas devido ao centenário de Rodrigues Lapa, também ocorrido no ano passado, a Revista optou por incluir estudos que celebrassem ambos os autores, ficando parte dos textos dedicados a Vieira agendada para o número seguinte. Além dos ensaios, a Revista conta com suas habituais seções de Poesia e Noticiário.

Dando seguimento a vários estudos acerca da Palavra seiscentista e seus rebatimentos nas noções de “letras”, “autoria” e “público”, João Adolfo Hansen escreve aqui sobre a *forma mentis* da oratória de Vieira como categoria histórica. Pelo enredamento das esferas retórica, política e teológica, Hansen mostra que os discursos de Vieira aparecem como autorizados por um *éthos* prudente, cuja razão, dialética, pressupõe uma unidade divina, participativa nas coisas, no intelecto e na linguagem, e cujo público se constitui como identidades proporcionais à posição que ocupam na natureza hierárquica das formas de representação.

O texto de Alcir Pécora, límpido, sintetiza as tópicas políticas de Vieira numa direção comum de interpretar e evidenciar as relações teológicas e políticas que envolvem seus escritos, promovendo uma articulação cronológico-temática exemplar. Sendo um extrato do prefácio ao seu livro **Escritos históricos e políticos do Pe. Antônio Vieira** (Martins Fontes, 1996), a este cabe ao leitor interessado recorrer.

No mesmo sentido alia-se o artigo Flávio de Campos acerca a política econômica reformista de Vieira — apesar de curiosamente não constar em sua bibliografia referência aos autores supracitados —, entendendo-a no âmbito de uma correção modelar da sociedade lusitana, sem rompimento contudo com a

ordem hierárquica vigente, o que é coerente com a noção providencial que perpassa o conjunto da obra de Vieira.

O artigo de Ives Gandra da Silva Martins relaciona brevemente a oratória de Vieira e de Bossuet, tema que em 1953 foi tratado com rigor e profundidade por Mary Gotaas, em seu livro **Bossuet and Vieira. A study in national, epochal and individual style**. E o de Jorge Couto apresenta a fundação das missões jesuíticas no Estado do Maranhão e Grão-Pará por uma perspectiva histórica informativa, embora pressupondo uma combatividade pessoal de Vieira dissociada da sua ação mais ampla no interior da política do Estado português, a qual os argumentos dos primeiros estudos da Revista, e tantos outros, amplamente refutam.

Quanto ao conjunto dos textos referentes a Rodrigues Lapa, estes têm por mérito destacar o empenho editorial e de crítica literária — no decorrer de mais de sessenta anos de atividade (1921-83), e cerca de 250 trabalhos, ainda a ser inventariados em sua totalidade — desse estudioso português que, vindo ao Brasil por se livrar das censuras do governo salazarista, aqui deu continuidade a um trabalho apaixonado de recuperação, leitura e reavaliação de escritores desprestigiados ou mesmo excluídos do cânone das literaturas de língua portuguesa. Tal foi o caso de suas edições das **Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses**, das obras completas de Sá de Miranda, de Bernardim Ribeiro e de Cristóvão Falcão, e da edição das **Obras completas** de Tomás Antônio Gonzaga, bem como seus estudos acerca de Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa e em geral de todo o arcadismo brasileiro, que alteraram o panorama de viés romântico, hegemônico nos trabalhos que o antecederam. Além disso, os trabalhos de Rodrigues Lapa em filologia e língua portuguesa permanecem fundamentais — embora tão esquecidos como a maior parte das obras de que tratou. Muitas outras caberia mencionar, porém o artigo de Ronald Polito de Oliveira é suficientemente esclarecedor a esse respeito. Assinale-se ainda que uma relação de trabalhos esparsos do Autor referentes ao Brasil consta em apêndice ao artigo de Fábio Lucas Gomes, “Apontamentos sobre Rodrigues Lapa”.

Importante também é o texto de Joaci Furtado acerca de **A Conceição**, épico de Gonzaga identificado por Rodrigues Lapa em 1958 na Biblioteca Nacional: importante não só pela sua análise do poema (baseada na adequação dos valores épicos à apologia da nação portuguesa, ou seja, sem veleidades revolucionárias como pretendeu Rodrigues Lapa), como pelo entendimento subjacente ao artigo de que homenagear um Autor não consiste em mitificá-lo, mas pô-lo em discussão.

Finalmente, destaco o artigo de Márcia Maria de Arruda Franco, que, involuntariamente, ilustra como ainda há falta de análises consistentes acerca de Sá de Miranda, autor quinhentista mal-tratado, antes e depois de Rodrigues Lapa, quer no Brasil, quer em Portugal.